

AÇÃO DIRETA

... o Estado ainda que revertido das formas mais liberais e democráticas, está necessariamente firmado no predomínio, na dominação, na violência, quer dizer, no despotismo, velado, às vezes, porém tanto mais perigoso.

Miguel Bakúin — Obras, ed. esp. v. 105.

SEMÁRIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

ANO I

Rio de Janeiro — Sabado, 8 de Junho de 1946

N.º 8

COISAS QUE FAZEM RIR

PEDRO CATALLO

É deveras estranho e desconcertante o conceito em que os governantes brasileiros sempre tiveram os trabalhadores.

Por mais acontecimentos que se dêem, não há nada que lhes faça mudar a opinião. Nem a hecatombe que quase destruiu o mundo, nem o estado deplorável e alarmante em que se encontra a parte pobre da população brasileira os demove dessa atitude pétreia, fria e impassível.

Tôdas as investigações feitas, até hoje, por pessoas de reconhecido mérito e inofensível competência, sobre a situação alimentar do nosso povo são unânimes e categóricas em afirmar que é deprimente e desoladora. Porém, a incuria, proverbial e exasperante, dos senhores do governo em tão premente problema força-nos a crer que o estado normal do operário brasileiro tem de ser definitivamente este: *desnutrido*.

Mas, agora, a recente *descoberta* feita pelo ministro do trabalho, sr. Negrão de Lima, tenta convencer-nos de que o proletariado dêste imenso e dádioso país tem os bolsos atropetados de cruzeiros a ponto de negligenciar o trabalho, negligência que já se reflete na economia nacional.

Descobriu s. exc. que os altos e polpudos ordenados percebidos presentemente pelos operários lhes facultam abundantes oportunidades de faltarem ao serviço durante o mês. E, tanta certeza tem disso o sr. Negrão, que até as letras dos sambas sofrerão a *merecida* corrigenda para não insinuarem vadiagem às impenitentes almas dos *apatacados* trabalhadores.

Aí está uma cousa que não sabíamos!

Sempre soubemos que, se o infeliz operário falta ao trabalho, o faz por motivo de doença ou para tirar alguns documentos, que, sabem todos, custam dias de penúria e paciência. Mas, que falte ao trabalho porque afluere ordenados supimpas, que lhe permitam o luxo

de vadiar alguns dias por mês, isso desconhecíamos e cremos que só pode ser fruto de tremenda confusão, confusão que vai avassalando o discernimento econômico do sr. ministro. E, apesar do esforço por nós feito para encontrar elementos concretos nas afirmativas do titular da pasta do trabalho, confessamo-nos vencidos.

A única explicação plausível, para nós, em tudo isso, é que sua exci. confundiu operários com deputados e senadores.

Se assim é, estamos com o sr. ministro. Realmente, aquela gente ganha, de fato, um estonteante ordenado sem fazer cousa alguma, tomando mate gelado, depois um cafézinho quente, às vezes palreações acadêmicas ou salgadas, e venha o dinheirão!

Mas, senhor ministro do trabalho, agora que já está esclarecida a conclusão de v. excia., seja-nos permitido um pequeno comentário acerca dos srs. constituintes.

O ordenado estabelecido para essa gente tomar chá, falar um pouco, ou não falar, e depois ir para casa, era de três contos mensais para deputados e seis contos mensais para senadores e mais duzentos cruzeiros por sessão, para ambos. Perfazia tudo oito mil cruzeiros, no mínimo, para deputados e onze mil cruzeiros, no mínimo, para senadores.

Pois, os srs. parlamentares não se conformaram com esse ordenado e, imediatamente, um *amentozinho* de cinco mil e quinhentos cruzeiros veio integrar quase quinze mil cruzeiros mensais para deputados e vinte mil cruzeiros para senadores.

E, que nos conste, os constituintes não precisaram fazer greve nem criaram dissídios coletivos. Foram solícitamente atendidos em obediência à justa e preempatória proceência da reclamação.

Ora, se oito mil cruzeiros para deputados e onze mil para senadores não foram suficientes para eles

viverem e foi necessário um *amentozinho* de cinco mil e quinhentos cruzeiros mensais, será exato que os trabalhadores se ausentam do trabalho porque são fartamente remunerados?

Nossa opinião a tal respeito é bem diversa.

Pensamos que nós outros, operários, devíamos exigir também aumento igual ao dos senhores constituintes. E podemos garantir a v. exc. que, acrescentando aos nossos doentios ordenados, o aumento de cinco mil e quinhentos cruzeiros mensais, trabalharíamos com mais afino e disposição porque nos alimentariamos melhor e teríamos margem para tratar da nossa saúde, quase sempre combalida por ser nosso corpo refúgio permanente de doenças.

E, aceitando mesmo que houvesse algumas faltas ao trabalho durante o mês, faltas que o sr. ministro se nega a reconhecer que sejam por doença ou por exigências burocráticas, mesmo assim, as causas não se devem buscar nos ordenados, que o sr. Negrão acha demasiado altos, esquecendo-se de que os gêneros de primeira necessidade subíram vertiginosamente. As causas devem procurar-se nas condições desumanas em que se executa o trabalho, especialmente no Brasil onde a escravidão deixou traços desmoralizantes para o governo e para os que vivem do suor alheio.

Naturalmente, sr. ministro, há uma pasmante diferença entre os empregos burocráticos e o trabalho no campo, nas fábricas e nas oficinas.

Já o dissemos alhures e o repetimos aqui: a mentalidade dos governantes brasileiros continua sendo colonial e escravocrata.

Nós, destas modestas páginas de *Ação Direta*, lutamos pela humanização do trabalho, procurando interessar a todos, indistintamente, nessa obra grandiosa de transformação social, pródomos do regime socialista libertário que, com tanto ardor e coragem, defendemos.

● Corre o sangue nas prisões da Espanha ●

A «ONU» DISCUTE E FRANCO ASSASSINA

Por MANOEL PERES

Suprimo, esta semana, a Estampa de Espanha para fazer uma exposição rápida dos últimos crimes de Franco e suas hordas falangistas.

De nada serviram as declarações de Potsdam e São Francis-

co, como de nada serviram os Conselhos do Subcomitê da ONU, pois, para vergonha do mundo, Franco continua oprimindo o heroico povo espanhol.

Eu não posso participar da

alegria que impera em alguns setores antifranquistas pelos acordos do Subcomitê da ONU aconselhando àquele organismo internacional o rompimento de relações com o governo franquista, pois tais acordos não pas-

saram, até agora, de simples e platônicas declarações.

Dá o Subcomitê noventa dias de prazo ao Caudilho espanhol para que este restaure as liberdades democráticas na Espanha!, depois, se ele não fizer isso, virá o rompimento! Horas depois de feita essa declaração do Subcomitê, o governo inglês declara que é contra o rompimento, numa hábil manobra política para ir preparando o terreno e evitar que, em setembro, o Conselho da ONU aprove essa medida.

FRANCO ASSASSINA!

Enquanto a ONU discute, Franco aumenta o terror na Espanha, seguro como está de que ninguém porá termo a sua obra de vingança.

Mais eloquente que a minha palavra, é a seguinte comunicação do Comitê Nacional da C.

Quem o viu...

Quem viu o professor J. Pereira Lira e quem o vê, por certo, não o reconhecerá. Quem o viu em tempos do Estado-Novo, numa aula inaugural da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, hoje no Catete, fulminando os regimens de força, como querendo fazê-los fundir com o calor da

(Conclui na página 4)

N. T. em carta que recebi no dia 5 do corrente mês.

Diz assim:

— Estimado companheiro.

Acabo de receber notícias muito trágicas da Espanha. Na noite do dia 14 de abril, data que recorda a proclamação da República, as hordas da falange assaltaram a Prisão Modelo de Barcelona fazendo uma verdadeira chacina nos prisioneiros. Há vários mortos e grande número de feridos.

Em Madrid foram presos mais de 200 camaradas cujas vidas correm perigo, figurando, entre eles, membros do Comitê Nacional de resistência.

Dentro de breves dias enviarei um relatório completo rogando que denunciessesses crimes ao povo brasileiro"

assig.

Patricio Navarro

Que os libertários do Brasil e todos os homens amantes da liberdade elevem a sua voz de protesto contra esses crimes que atentam contra a própria dignidade humana, pois só o esforço dos trabalhadores e das consciências livres do mundo podem terminar o regimen de terror que impera na Espanha.

COMENTANDO REPRESENTAÇÃO ERRADA

O parlamentarismo francês teve sempre um grande prestígio, na palavra dos apóstolos da democracia burguesa. A sua história oferece realmente vastos motivos de elogio através da evolução dos chamados "direitos do homem". Mas não está isenta dos defeitos de tal sistema de representação popular por delegação do povo através do voto, ato de renúncia e de transferência de ação a quem pode muito bem mudar de ação sem dar satisfações aos eleitores e sem que estes tenham a faculdade de lhe retirar a "procuração" eleitoral.

Terminada a guerra, as várias correntes partidárias fizeram em França as suas eleições e delas resultou uma Assembléa Constituinte com maioria de determinados partidos. Essa assembléa tratou de elaborar uma Constituição política para a "nova República Francesa", que foi aprovada pela maioria dos constituintes. Ora, se a maioria dos constituintes a aprovou, nada mais seria necessário do que pô-la em prática. Quisse, porém, dar uma demonstração de "honestidade política" e submeteu-se a nova constituição a um plebiscito.

Só este fato demonstra que os próprios parlamentares admitem a hipótese de não terem correspondido à vontade do povo que os elegu.

A maioria da assembléa tinha por força de estar em relação com a maioria dos eleitores. Mas os eleitores, chamados a pronunciarem-se sobre a nova constituição, rejeitaram-na. E lá estão os "pais da pátria" a cozinhar outra.

Melhor fariam renunciando ao seu papel de representantes de um povo cujos interesses reais não sabem ou não querem interpretar.

FORA DA LEI

Somos contra a lei-autoridade, não contra a lei-entendimento, a lei-ordem. Queremos ser livres e trabalhar numa sociedade, livre que terá a sua lei, a sua ordem, a sua organização. O homem sem lei é o homem isolado e só, o homem sem ordem é o homem desordeiro e nocivo. Mas não queremos a lei que prende, a lei que mata, a lei que tiraniza, a lei que tortura e manda, porque não aceitamos a autoridade do homem sobre o homem. Esta é a nossa idéia da lei e da liberdade.

Por isso os "defensores da lei" burguesa acusam-nos frequentemente de estar fora da lei. Isso não é verdade. Somos contra a lei, mas só estamos

fora da lei do roubo, da tirania e da arbitrariedade.

No entanto, quem é que nos acusa? Quem diz que estamos fora da lei?

És tu, comerciante, que roubas o freguês e o Estado, falseando a receita da tua caixa para não pagar o imposto que a lei te pede?

És tu, patrão, que falseias a toalha de pagamento dos teus empregados, para não pagar as contribuições inteiras da lei de aposentadoria e seguros?

És tu, capitalista, que escondes rendimentos e inventas despesas fantasiosas, procurando não pagar o imposto de renda que deves ao Estado para ele te garantir a propriedade?

És tu, burguês católico, defensor da família e inimigo do divórcio, que tens duas famílias, mantendo à margem da "sociedade" um lar clandestino?

Quem assim procede não tem moral nem direito algum de falar em favor da lei. Porque esses usam a lei apenas como trapo para esconder as manchas da sua vida, como artifício para viver à custa dela e dos que a cumprem. Não são defensores, são exploradores da lei.

F.

DOCTRINA

AS ELEIÇÕES RUSSAS

Pela primeira vez, em oito anos, o povo russo votou para eleger novo Supremo Soviet da União Socialista das Repúblicas Soviéticas. O Supremo Soviet consiste de dois Parlamentos: o Soviet da União e o Soviet das Nacionalidades e é eleito de quatro em quatro anos.

O Soviet União da tem 656 lugares e é eleito na base de 1 deputado para cada 300 000 habitantes. O Soviet das Nacionalidades tem 631 lugares na base de vinte e cinco deputados para cada república constituinte, sem levar em consideração seu tamanho, onze deputados de cada república autônoma e um de cada região nacional. O voto é sufrágio universal para todo aquele que tiver mais de 18 anos, "sem consideração de sexo, nacionalidade, raça, fé, origem social, propriedades e atividades passadas. Os candidatos devem ter mais de 23 anos.

O Supremo Soviet da U. R. S. S. elege uma presidência do Supremo Soviet da U. R. S. S., composta de 37 membros, que são endossados de grande poder. Teoricamente, o poder legislativo pertence ao Supremo Soviet, mas a Presidência tem o direito de emitir decretos, que tem força de lei. Os membros da Presidência não podem ser removidos pelo Supremo Soviet, mas têm o direito de dissolver este, no caso de ter-se levantado entre o Soviet da União e o Soviet das Nacionalidades dissidência insólvel.

O Supremo Soviet da U. R. S. S. nomeia também os mais altos órgãos executivos e administrativos do Poder do Estado; o Conselho dos Comissários do Povo da U. R. S. S., que trata com a organização internacional do país.

O termo Supremo Soviet está muito deturpado. Nada tem que ver com os Soviets formados durante a revolução russa e que eram conselhos de delegados de trabalhadores (ou camponeses e soldados) eleitos por um número relativamente pequeno de pessoas e diretamente responsáveis por elas. Os deputados representam, na União Soviética, cada um, 300.000 homens e mulheres e ficam em função quatro anos. Não é uma representação muito direta!

Qual é a diferença entre o sistema parlamentar russo e o dos países democráticos? A principal diferença é que, sob o regime soviético, não há partidos da oposição. O direito de nomear candidatos está reservado aos órgãos oficiais, isto é, às Organizações do Partido Comunista, uniões de comércio, cooperativas, organizações da juventude e sociedades culturais. Os candidatos que não são membros do Partido Comunista são chamados não-partidários, mas, na realidade, são os sustentáculos do partido. Stálin acentuou o fato, em sua irradiação sobre as eleições, em 9 de fevereiro, que os não-simpatizantes estavam, agora, unidos aos comunistas numa só organização de cidadãos soviéticos, que

forjaram a vitória sobre os inimigos de seu país.

"A única diferença entre eles," disse Stálin, "é que alguns pertencem ao partido, enquanto outros não. Mas essa é uma diferença apenas formal.

Sob o sistema soviético, não há possibilidade de escolher entre candidatos, representantes de duas ou mais políticas, pois só há um partido no Estado, o Partido Comunista.

A escolha de candidatos não é permitida aos eleitores na época das eleições. Vários candidatos são nomeados para cada constituinte e, exceto em constituintes que têm candidatos tão ilustres como Stálin, Molotov, Kalinin, Voroshilov, Zhukov, etc., discute-se um pouco antes que se decida qual o candidato solidário. Uma vez que é escolhido, o voto torna-se pura formalidade. A única maneira de exprimir oposição ao candidato é abster-se de votar; mas, tal qual em plebiscitos organizados nos países fascistas, tem-se grande precaução para conseguir-se um máximo de eleitores (a idade não constitui desculpa; na Geórgia um velho de 118 anos foi às urnas)

Num estado policiado como a Rússia, é provável que se use mais do que a simples persuasão para assegurar-se de que a grande maioria do povo encha suas cédulas, embora, naturalmente, haja muita propaganda. Essa tem por finalidade dar aos eleitores a ilusão de que têm poder de julgar o Partido Comunista. Stálin de-

clarou, no princípio do seu discurso: "O partido Comunista do nosso país teria muito pouco valor se tivesse que aceitar o veredicto dos eleitores". Não tendo partidos rivais, sendo apoiado pelo partido, imprensa e rádio policiados, tendo sob o seu domínio o exército, a polícia e milhões de burocratas, é difícil compreender, com efeito, que o Partido Comunista tivesse medo do veredicto dos eleitores.

Não é de admirar que o discurso de Stálin fosse "confidencial" (Daily Worker). Poupar-se-ia dos giros de propagandas exaustivos que políticos tais como Churchill ou Roosevelt tinham de empreender para assegurarem sua reeleição. Não seriam para ele, Stálin, discursos em cima de carros, sob a chuva; não seriam para ele as campanhas de imprensa à última hora, habilmente calculadas para destruir semanas de trabalhos de propaganda. A reeleição de Stálin foi precedida por umânime concerto de louvores. *Pravda*, por exemplo, pagou-lhe este tributo inspirado:

"É, com efeito, felicidade, grande felicidade termos o Camarada Stálin. Se se pudessem traduzir as exclamações sem fim em simples palavras, leríamos: "Estamos orgulhosos de que o maior homem de nossos dias, o brilhante criador da vitória, o salvador da civilização, o condutor de povos nos pertença, a nosso país, a nosso povo. Sabemos e estamos profundamente convictos de que o maior homem de nosso tempo

só poderia aparecer em nosso país".

E do Rádio Khaborovsk (6/1/46): "A afluência de ontem na reunião pre-eleitoral de Stálin, no "stadium" de Moscou deixou impressão inesquecível e inspiradora. Refletiu com grande força e sinceridade o amor sem limite que o povo tem ao seu grande chefe sábio professor e pai, o Camarada Stálin!

"Caros camaradas", declarou a operária A. A. Slobnow, "foi grande felicidade para nosso povo ter à frente do Estado, durante os anos difíceis da guerra, o Camarada Stálin, deputado do povo inteiro... Glória! Glória a nosso J. V. Stálin. "Estas palavras são um dos pensamentos, sentimentos e esperanças mais íntimos, do povo soviético".

Quando os votos foram contados no distrito de Moscou, verificou-se que 100 por cento dos eleitores tinham votado em Stálin.

Talvez ninguém tenha dado a Stálin o conselho que Kinsley Martin dera a Tito alguns dias antes das eleições da Jugoslávia: "Espero que consiga 75 por cento", disse K. Martin", se conseguir 90 por cento, seria boa idéia destruir 25 por cento de seus votos".

Stálin é diferente, naturalmente, mas 100 por cento não parece muito convincente, contudo.

M. L. B.

Freedom — 23/2/1946.

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICICA

(Continuação do numero 7)

31 — *A feição militar* — O mais pronto recurso dos possuidores, na defesa contra os não-possuidores, é a força bruta, a violência organizada. Chamam a isso *defender ordem*.

A ordem, para eles, é a não reclamação. Eles permitem certas reclamações superficiais, que não perturbem ou contestem sua exploração metódica. Se essa exploração empobrece de tal maneira as massas que torna insuportável a vida, surgem graves conflitos, motins, revoluções. Para sufocá-las, o Estado, valendo-se da ingorância e miséria proletária, arregaça suficiente número de soldados, paga-lhes um soldo, veste-lhes uma farda e, resguardado por duros castigos e férrea disciplina, confia-lhes armas aperfeiçoadíssimas. Assim, são os próprios proletários, aliciados na polícia, no exército, na marinha de guerra, que sustentam os ricos contra os pobres.

Se os trabalhadores chegassem um dia à compreensão desse fato, não se alistariam jamais como soldados, e, se os soldados se compenetrassem da verdadeira traição que praticam contra o seus irmãos de miséria, deixariam as armas ou voltá-las-iam contra os ricos, contra os governos.

32 — *A disciplina* — Para conseguir dos soldados, ex-homens, essa passividade de besta, profundamente irracional, esse automatismo de máquina mortífera, emprega o Estado especiais processos para criar-lhes a mentalidade do escravo.

O conjunto desses processos chama-se *disciplina*.

Pela instrução militar, habituado à servilidade sob comando. Manda-o perfilar-se, dar meia volta, apresentar armas, fazer alto, marchar, exigindo regularidade perfeita, mecânica, nos movimentos. Enfiando-lhes a farda vistosa, com perneiras, talabarte, cinturão, quepi, fá-lo diferente dos outros, classe especial, não trabalhadora, não-povo. Depois, constrói uma escala de postos, com ordenados crescentes e crescentes autoridades, fazendo assim, da mlicia, carreira e viciando os indivíduos no vício de mandar, de ser superior. Assinala cada supremacia com divisas, galões, bordados, e organiza rigorosa tabela de precedência e pragmáticas.

Isso é fogo de vista para iludir os ingênuos. Nada valeria, porém, se não fora a cultura moral cuidadosamente preparada para o fim da defesa. Essa cultura assenta na obediência. O soldado há de obedecer rigorosamente a seu superior. Para obter isso, infundem-lhe, com incessantes admoestações, avisos, discursos, a noção da *Honra militar*. Como fim elevado, nobre ideal, missão gloriosa, apontam-lhe a defesa da pátria. O *Patriotismo*, sentimento natural, é pelo Estado convertido em elemento psicológico de obediência para fins egoístas, para *manutenção da ordem*, para repressão violenta e brutal dos famintos e desafortunados. Ao menor zumzum de greve, chama-se a polícia, e, se não basta a polícia, recorre-se ao exército. E este, formado para defender a pátria contra inimigos externos, faz-se feitor de fazenda para surrar escravos e forçá-los ao trabalho, caladinhos.

Pela disciplina, o soldado não tem opinião, não pode julgar, nem discutir os atos de seu superior, há de cumprir as ordens, sem direito de examinar sua justiça ou injustiça. Comete, assim, muitas vezes, monstruosos crimes inconscientemente ou estupidamente, porque a disciplina lhe deliu, no ânimo, todos os resquícios de independência moral.

33 — *Alguns exemplos* — 1.º Nos últimos tempos da monarquia, o governo imperial, atendendo às reclamações dos proprietários de escravos, ordenou ao exército que se pusesse à cata dos pretos fugidos das fazendas. Reunido o Clube Militar, declararam as altas patentes, já muito inclinadas à República, que o exército fora criado para defender a pátria e não para pegar escravos. Essa recusa foi um ato de *indisciplina*, mas ficou célebre na história do Brasil, por ter sido nobre e humano. Se, porém, os generais e coronéis signatários dessa resposta, houvessem, por disciplina, obedecido às ordens imperiais, os soldados teriam invadido as matas, e não faziam os de polícia, e reconduziriam os pretos cativos aos seus senhorescarrascos.

2.º: A guerra civil de Canudos foi uma rebelião de sertanejos ignorantes e fanáticos, poucos e quase desarmados. Um governante medianamente sensato procuraria coavencê-los com brandura, instruí-los, abrindo escolas, enviando-lhes professores, chamando-os à razão, ouvindo-lhes as queixas, promovendo acordos plausíveis. Em vez disso, mandou o governo, em tempos de Prudente de Moraes, um exército de 42 mil ho-

mens canhoneá-los e metralhá-los sem piedade, e o general Artur Oscar ordenou a degola dos últimos prisioneiros. Semelhante selvageria foi realizada por soldados geralmente providos desse mesmo sertão. Mataran, assim, seus próprios patrícios, talvez parentes.

3.º: Em 1910, os marinheiros de guerra, indignados com o regime de chinata a bordo, insurgiram-se. Foi um ato de *grave indisciplina*, mas que os livrou, para sempre, do chicote. O governo, apavorado, cedeu e firmou acordo, no qual se estipulava plena anistia. Pois bem, mau grado a anistia, os instigadores do movimento justo foram presos, levados para bordo do vapor Satélite e lá fuzilados sem mercê. Outros foram assassinados nos cubículos da ilha das Cobras, sufocados com cal, por ordem do comandante Marques da Rocha.

Esses fuzilamentos e assassinios foram praticados por soldados e marinheiros em nome da disciplina. Se o não fizessem, seriam *indisciplinados*, criminosos e provavelmente fuzilados também.

Contra semelhante disciplina, inventada pelos donos da terra para manter ajozados os trabalhadores, protestam os anarquistas concitando os soldados a se rebelarem contra as ordens infames dos seus superiores e atirarem ao lixo carabinas, fardas e patentes. Sujeitar-se à disciplina é ser escravo.

34 — *A feição jurídica* — O ideal dos proprietários e ricos seria naturalmente impor sua vontade, pura e simplesmente, aos trabalhadores. Assim faziam

efetivamente os reis antigos, os senhores com os escravos, os conquistadores com os povos vencidos. O arbitro do forte é sempre a lei para o fraco.

Esse arbitrio, todavia, nem sempre ficou impune. Como a tendência da autoridade é abusar e os abusos provocam desesperadas revoltas, os possuidores, temendo-as, foram, no decorrer dos séculos, submetendo-se à certas exigências, fazendo concessões, aceitando imposições. Uma delas, por exemplo, foi a dos senhores ingleses rebelados contra o rei João sem terra. Obrigaram-no a aceitar a Magna Carta e a nada resolver sem consentimento deles, reunidos em Parlamento. Outra vitória foi a do povo francês pondo abaixo a realza, o clero e a nobreza em 1789, criando uma assembléia popular e firmando uma *Declaração de Direitos*, princípios fundamentais que os dirigentes e proprietários deveriam respeitar.

35 — *A lei* — Esses princípios impostos pelos não possuidores, pedaços de liberdade conquistados a força, chama-se *lei*.

Há contudo, outra fonte de leis. Vimos que uma das funções do Estado é regularizar a concorrência. Essa regularização é feita em pequenas declarações, denominadas artigos, enfiadas num código ou distribuídas em regulamentos, posturas, estatutos, etc.

Temos assim, duas espécies bem caracterizadas de leis: as conquistadas pelos pequenos contra os fortes e as decretadas pelos fortes contra os pequenos, para garantia da sua exploração.

(Continúa)

MOVIMENTO ANARQUISTA

Atividades anarquistas pela Europa

A A. I. T. (Associação Internacional de Trabalhadores informa pelo seu serviço de imprensa de 8 de janeiro e 1 de fevereiro:

1. *Congresso juvenil de Londres.* Dos 31 de outubro aos 9 de novembro de 45, celebrou-se em Londres um congresso juvenil internacional com 585 representantes de 63 países diferentes. Formou-se uma *Federação Mundial de Juventudes Democráticas*. Esse congresso obedeceu a uma nova tática dos comunistas. Em todos os países onde haviam organizado juventudes do partido, foram elas dissolvidas e lançou-se um apelo

Soldados polacos na Itália

L'Annata dei Refrattari de 13 de abril refere-nos alguns exemplos tremendos das tropelias exercidas por soldados polacos na Itália. Esses soldados pertencem ao 2.º corpo do general Anders e permanecem na Itália não se sabe porque, cometendo desatinos e apavorando as multidões. Não se sabe porque é uma história. Os companheiros de Itália sabem perfeitamente que são eles tropas ali deixadas e mantidas com o visio único de defenderem o fascismo lá permanente.

Um quotidiano anarquista na Itália

Os anarquistas italianos agitam-se para editar um diário. O mais sério problema é adquirir-se, naquele país devastado e faminto, os recursos necessários a tão vultosa empresa.

Já se constituiu uma comissão coletora do vil metal, mas parece que a quantia necessária é tão excessiva para o aparelhamento de tal diário, que a tentativa dificilmente se realizará, embora seja notável o surto anarquico na península.

Fato significativo

No Piemonte formou-se uma juventude anárquica sob a denominação de *Federazione Giovanile Comunista Libertaria Piemontese*. Os jovens, porém, pensaram, excelentemente, que esse objetivo *libertario* podia e pode facilmente ser interpretado como sinônimo de *liberal* e, depois, como o adjetivo *comunista* designar amanhã um partido reacionário qualquer. Então resolveram mudar a designação para: *Federazione Giovanile Anarchica Piemontese*. Muitíssimo bem! Assim não haverá confusão. Endereço: *Corso Principe Addone*, 22. Turim.

Administração

1 — *Ação Direta*, semanário anarquista, vive exclusivamente das contribuições assumidas voluntariamente por seus simpatizantes. A Administração pede encarecidamente aos contribuintes já existentes, como aos novos, que fixem sua quota mensal e procurem nem variá-la, nem deixar de enviá-la até o dia 5 de cada mês. A não observância dessas duas condições pode perturbar o andamento de *Ação Direta*.

Tão pronto o número de contribuições ultrapasse as necessidades de *Ação Direta*, empreenderemos a publicação de folhetos e, quase certo, um suplemento cultural (ciência, literatura, música, etc.)

2 — Toda correspondência deve ser enviada para a rua Buenos Aires, 147-A-2.º — Rio de Janeiro.

para unificação das juventudes de qualquer cor, democráticas. Tudo partiu do Comitê Antifascista das Juventudes da União Soviética, fundado em Moscou, em 1941. No Congresso das juventudes comunistas francesas, em 31 de março de 1945, decidiu-se a dissolução dessas e formaram, unidas às socialradicais, católicas e outras, a *Juventude Republicana*. O mesmo na Suécia e em toda a parte.

Essas juventudes comunistas alijaram, de uma vez, o princípio da luta de classes e assim deram solene pontapé no Karl Marx e suas prédicas.

Claro é, as Juventudes Libertárias da Espanha repeliram a coparticipação no Congresso de Londres.

Para contrapor-se a essa Federação Mundial burguesa progressista, aconselha o companheiro B. Mila uma Internacional Juvenil Libertária e assim o aconselha também o Secretário da A. I. T.

NOTA. *Estando fundada no Rio a Juventude Anarquista Brasileira, devem os seus aderentes estudar o assunto, pôr-se em relação com as Juventudes Libertárias Espanholas e do mútuo entendimento sairá vigorosa a Internacional Juvenil Libertária.*

2. *República Argentina.* A Federação Obreira Regional Argentina (FORA) comunica ter saído o movimento da clandestinidade. Recomeçou a publicar *Organización Obrera*, legalmente. O conselho Federal de FORA publica extenso relato sobre o movimento no período clandestino a partir de 4 de junho de 1943.

3. *Noruega.* Os alemães, ocupando a Noruega em abril de 1940, dissolveram a Norsk Sindikalistik Federasjon, filiada à A. I. T. Em vigor ficou apenas a reformista com o pessoal que jurou fidelidade ao partido de Quisling. Imediatamente os patrões fizeram revogar os aumentos de salário conseguidos por ação direta. Porém, finda a guerra, exigiram os trabalhadores indenização dos patrões que haviam ganho prodigiosamente. Entretanto a sindical reformista aconselhou-os a se conformarem com as decisões do tribunal arbitral do Trabalho que rejeitou a indenização. Declararam-se greves. O Estado prometeu atender aos trabalhadores que aprenderam boa lição. Somente com a ação direta poderão obrigar os amos a fazer justiça.

Em Oslo, está saindo o periódico anarquista *Solidaritet* substituí-

to do antigo *Alarm*, porém com o dobro da tiragem.

4. *Suíça.* O movimento libertário esteve apagadíssimo durante a guerra fazendo-se apenas por folhas avulsas mimeografadas. Agora, vão-se aclarando as cousas e os companheiros movimentam-se com duplo intuito: reorganizar as atividades anárquicas na Suíça e e-tendê-las aos operários alemães procurando reanimá-los com um ideal seguro e elevado de cooperação humana.

5. *Espanha. Solidaridad Obrera, de Paris, de 17-12-1945* dá um balanço nas condições de luta contra Franco e firma que somente a ação direta dentro de Espanha e fora de Espanha conseguirá destruir o monstro, visto que a política anglo-americana tem sério interesse na manutenção de Franco. Para *Solidaridad* as guerrilhas durante a guerra demonstraram ser poderosa arma. É a velha doutrina anárquica da *insurreição*, comprovada. É verdade que os maquis franceses, os partigiani italianos e os mais eram providos de armas pelos aliados. Seja como for, a guerra dentro de casa é sinal de fraqueza do Estado e perigo certo.

O fim das guerrilhas é criar, na Espanha franquista, a desordem política e o caos econômico.

Essas guerrilhas aumentam dia a dia graças aos auxílios que vão de França. Os melhores elementos da C. N. T. estão em armas nos montes e serras da Espanha. Vai-se criando, assim, um estado de guerra que chegará um dia a aluir a organização totalitária de Franco. Dificulta-se, ao mesmo tempo, a colocação de capitais estrangeiros dada a insegurança do país, perdendo assim Franco toda a confiança do capitalismo exterior.

Segundo *Solidaridad* não é essa a única arma nossa contra Franco. Importa desenvolver a luta fora de Espanha empregando todos os meios de embaraço o governo franquista.

6. *Frância.* Tem sido comentado o não haver-se convocado ainda um congresso da C. G. T. francesa ao contrário do que tem sucedido com todas as mais organizações. A *Action Syndicaliste*, de Paris, explica o fato. A C. G. T. com seus cinco milhões de aderentes é uma presa cobiçada pelos comunistas. Estes pretendem, no primeiro congresso, modificar as bases da Confederação, acabando com as representações por sindicatos independentes. Seu fim é centralizar as representações por Uniões, de modo que se reduza a poucos votos as deliberações. Assim, muito mais fácil lhes parece submeter a C. G. T., isto é, os trabalhadores franceses à direção do partido comunista. Os sindicatos descentralizados seriam gente com fumaças de independência, coisa inconveniente para os totalitários.

Em dezembro de 1945, a Federação Sindicalista Francesa celebrou, em Paris, uma conferência nacional. Combinou-se a criação de grupos oposicionistas em todas as seções da C. G. T. reformista, para propagar as idéias fundamentais do sindicalismo nessa organização.

A conferência aconselha também a criação de um movimento que esclareça a significação exata das tais *nacionalizações* e *socializações*. Demais, cumpre reforçar a sindicalização operária.

DE SÃO PAULO

Antifascistas que ajudam e defendem com sinceridade A NOBRE CAUSA DO POVO ESPANHOL

Os antifascistas espanhóis de São Paulo que, desde o início da sublevação Franco-Falangista, acompanharam, com dolorosa ansiedade a tragédia a que foram submetidos os seus irmãos da Espanha em luta pela sua liberdade, não abandonaram, um só momento, os seus deveres solidários.

Unidos fraternalmente no seu centro e colocando acima das paixões políticas os seus sentimentos humanos, sentiam, de longe, os golpes cruéis desfechados contra um povo generoso que defendia a sua liberdade e independência.

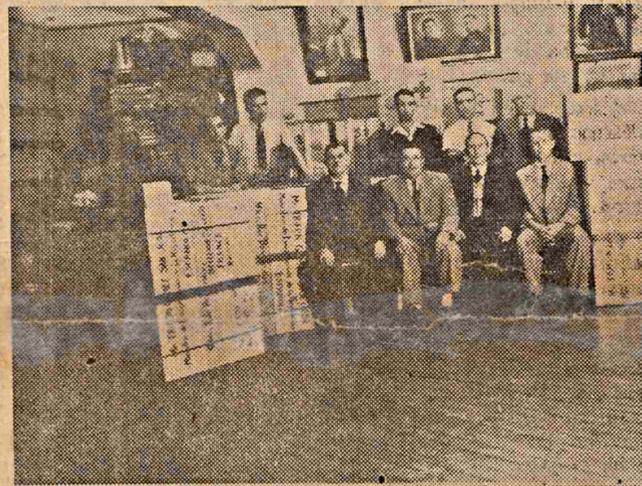
Após a derrota da Alemanha, eles pensaram nos refugiados que, em terras da França, sofriam fome e amarguras, fruto do seu heroísmo e espírito de sacrifício na epopeia sublime contra as hordas nazifascistas.

Esses espanhóis não podiam ser alheios aos apelos de seus

da Cruz Vermelha Brasileira, será embarcado para a França.

Obra meritória a desse grupo de homens sinceros que lutam para aliviarem os sofrimentos dos refugiados espanhóis sem fazerem disso instrumento de propaganda política. Há neles o verdadeiro sentimento de solidariedade, que se pode sentir no trecho seguinte de um seu manifesto.

«Esses heróis, suportaram as mais horríveis torturas, viram morrer ao seu lado milhares de irmãos condenados à incineração e aos tormentos mais inauditos, sendo que, em suas próprias carnes, têm gravado o selo do salvagismo Nazi. Sua dor começou em 1938 e ainda não terminou; por isso, seus sofrimentos alcançaram o auge e sua resistência física está a ponto de exgotar-se. Muitos daqueles homens que eram fortes e rijos nas horas de luta, hoje



irmãos em dolorosa peregrinação em virtude do exílio a que a guerra os obrigara e unificaram os seus esforços para ajudá-los.

Um Comitê de Ajuda foi organizado e, à frente do mesmo, estão figuras de prestígio, que merecem estima e consideração de toda a Colônia Espanhola de São Paulo. São elas: Francisco Gomes Queija, presidente; José Galdão, secretário; Alfonso Garrido, tesoureiro.

Prestam também o seu generoso concurso os médicos e entusiastas antifascistas Drs. Francisco Geraldo Iervolino e José Pascoal que contribuíram para o bom êxito da obra iniciada.

Esse comitê de auxílio tem trabalhado com tanto carinho, que, em pouco tempo, conseguiu reunir roupas, calçados e medicamentos no valor de Cr\$ 300.000,00. Tudo, por intermédio

BULGÁRIA

Notícias do serviço da A. I. T. dão como ressurtado nesse país, mau grado as tremendas perseguições fascistas, a *Confederação Geral do Trabalho* que reafirmou sua adesão à A. I. T. (*Associação Internacional dos Trabalhadores*) Já saiu um periódico, *Solidaridade Operária* que já tem sofrido atropelos dos comunistas dominantes.

Também os anarquistas se organizam bem.

Constituíram uma federação nacional e possuem um periódico: *Pensamento Operário*, que espera, brevemente, passar a diário. Foram mandados a campos de concentração pelos comunistas os companheiros Baloff e Ratcheff.

são débeis espetros, vencidos pela desnutrição e pelas enfermidades; muitos daqueles heróis que pareciam entesourar em seu peito o aço inflexível, apenas possuem alento para viver; o número dos mutilados cresceu com a luta sob a bandeira das nações unidas, em todas as frentes de batalha; a porcentagem de tuberculosos também muito aumentou, sendo que muitos deles têm necessidade de hospitalizar-se e, por falta de lugar nos hospitais franceses, suportam a enfermidade no meio dos maiores contratemplos. As crianças também não escapam a esse desventurado estado de coisas, carecendo de alimentos próprios para sua nutrição e das atenções que reclamam sua tenra idade. Faltam medicamentos, e os que são encontrados não estão ao alcance de suas bolsas, pois uma simples pastilha para aliviar uma dor de cabeça, uma pequena dose de cálcio, valem fortunas e, por esse motivo, estão fora de alcance das bolsas dos refugiados Espanhóis.

Dolorosas são as privações, a fome, a miséria e falta de roupas; mas, nenhuma dor se compara à do enfermo que não encontra lenitivos para aliviar-se. Por conseguinte, a mais humanitária das campanhas será esta que se propõe a remediar ao menos uma parte dessa dramática situação.

Publicamos também uma fotografia onde se podem ver os volumes de roupas, calçados e medicamentos destinados à França, e os membros do Comitê de ajuda unidos a alguns antifascistas espanhóis de São Paulo.

Ação Direta exalta a obra solidária dos antifascistas espanhóis de São Paulo.

DOCUMENTARIO

Constituem lição viva e, só por si, valem um curso inteiro de sociologia libertária.

AÇÃO DIRETA recomenda aos anarquistas em particular e aos trabalhadores em geral que leiam com atenção estes documentos históricos pois resultam de longos debates e estudos dos mais experimentados companheiros de luta.

RECORDEMOS UM DOCUMENTO IMPORTANTE

(ver os dois números anteriores)

Damos hoje as declarações do Congresso Continental Americano contra a Reação Internacional.

I

Consideramos um dos deveres revolucionários desta hora a luta contra o retrocesso medieval dos espíritos e das instituições sociais e políticas.

Nessa luta, é preciso combater com igual intensidade o militarismo, a guerra e a reação que são três manifestações diversas de um mesmo princípio e de uma mesma aspiração.

Na luta especial contra o militarismo, recomenda-se:

a) A negativa individual de fazer o serviço militar; a negativa coletiva com o mesmo fim.

b) A divulgação de conceitos de responsabilidade que levem o descrédito à função militar e tornem dever para o proletariado negar-se a trabalhar para o exército em paz ou em guerra.

c) Preparação e divulgação da idéia do boicote completo de víveres, munições, transportes, etc., para o exército e seus sustentadores.

d) Propulsão de uma literatura infantil que contrarie o envenenamento militarista das escolas do Estado.

Contra a guerra, têm-se como armas eficazes as mencionadas, e mais, a greve geral revolucionária ou insurreição popular com a intensificação consequente da luta e da propaganda.

A luta contra a reação, que completa a luta contra a guerra e o militarismo, deve fazer-se antes de tudo, pela afirmação da solidariedade de interesses morais e materiais dos oprimidos e explorados de todos os países, com o boicote consciente e progressivo ao estatismo, com o desmascaramento da reação enraizada na legislação operária ou social, com a campanha contra as exigências cada vez maiores do aparelho de domínio e opressão, com a reivindicação da liberdade e da igualdade para todos os seres humanos e, enfim, com o aperfeiçoamento e intensificação da obra de conspiração material e espiritual permanente contra todas as iniquidades do privilégio e do despotismo.

O proletariado revolucionário da América, ante a abdicação quase completa — contra a qual pesam muito pouco as honrosas exceções — das classes intelectuais e das juventudes estudantis, tem a grave responsabilidade e alta missão de encabeçar, com suas próprias forças, sem rechaçar por isso a adesão das boas vontades, a obra de libertação do trabalho contra as doutrinas e tendências de escravização e opressão do homem pelo homem.

Nesse esforço, os trabalhadores revolucionários darão de sua parte quando lhes seja possível para suscitar, em todos os ambientes e movimentos, correntes convergentes para o supremo ideal de todas as lutas do progresso: a instauração de uma ordem social de cousas onde a vida do homem terá as máximas possibilidades de desenvolvimento livre e harmônico.

II

O Congresso Continental Americano está firmemente comprometido de que a preparação internacional para a guerra em todos os Estados tem de ser contrariada por uma igual agitação internacional antiguerreira dos trabalhadores.

O congresso assinala pois, com alegria, a colaboração orgânica, regular, na questão do anti-militarismo entre o Bureau Internacional dos trabalhadores na Comissão Internacional Antimilitarista.

O congresso exorta a todos os antimilitaristas revolucionários a sustentar, pessoal e coletivamente, o trabalho internacional da C. I. A.

a) Aderindo à A. I. T. se trata de sindicatos;

b) Aderindo ao Bureau Internacional Antimilitarista, se se trata de outras organizações.

c) Aderindo à B. I. A. se se trata de pessoas;

d) Transmitindo todos os acontecimentos importantes do respectivo país em relação ao militarismo, à preparação de guerra, à reação, etc., à Comissão Internacional Antimilitarista.

e) Favorecendo a mais ampla divulgação dos comunicados, notícias e artigos do serviço da imprensa da C. I. Antimilitarista.

f) Enviando à C. I. A. periódicos e direções de organismos e pessoas que puderam interessar-se pelos serviços da imprensa.

g) Conquistando subscritores para o serviço da imprensa.

QUEM O VIU...

(Conclusão da página 1)

sua condenação, quem o viu falar em nome da democracia e da liberdade não, não o reconhecerá.

Será que aquele professor de Direito suporá ser democracia e liberdade, coagir os estivadores de Santos a descarregarem os navios daquele que nos causa asco pronunciar-lhe o nome, os navios que abasteciam os submarinos do eixo que tantas vidas brasileiras roubaram em águas brasileiras? Será que entende por democracia e liberdade fazer varrer, à metralha, o povo, desarmado, só por querer que não se realizasse um comício, vitimando assim a tantos que nada tinham que ver com a história, como é o caso do funcionário do Instituto do Açúcar e do Alcool, Saul Reis que, conforme testemunho de amigos seus, já mais teve côr política, e que nunca poderia imaginar que também se entraria em uma fila para ser baleado?! Será que a não observância de uma ordem do Chefe de Polícia, não encontrasse na lei um meio de ação contra o P. C. B., ou será que com o protesto do P. C. B. pretende abafar a voz daqueles que clamam contra todas as injustiças e lutam por dias melhores para as gerações futuras?!

Todos já sabem, muito bem, senhor professor de Direito, que o pretexto serviu para os monstros do fascismo se atirarem contra a Espanha, quando nela, reduzidíssimo era o número de comunistas, e sem expressão, tanto assim que a Rússia cruzou os braços como as suas co-irmãs "democratas".

Mas o que é de aparvalhar, o que é paradoxalmente estranho é que, além de desdizer com fatos, o que afirmou com palavras na aula inaugural da Faculdade de Direito, um professor de direito não se peje de querer anular, com a força bruta, princípios de direito que os governos das chamadas democracias, entre elas o Brasil, firmaram em memorá-

veis reuniões, em nome dos respectivos povos!

Exmo. Sr. Dr. Prof. José Pereira Lra: — Coerência! Rasgue o seu diploma de bacharel! Quebre a balança e a espada da Justiça, e peça emprestado ao quase senador capitão Filinto Müller, o seu fardão de Torquemada, que lhe assenta bem.

S. P.

DOIS APELOS

Os simpatizantes de Ação Direta multiplicam-se diariamente com profusão acima de toda expectativa.

Não há dia em que não acorram à nossa redação novos contribuintes espontâneos. Os pedidos de fora são constantes e os que desejam números atrasados não se conformam com voltar sem eles.

Conclusão: temos de aumentar nossa tiragem; mas, como já dissemos outro dia, a venda avulsa dá enorme deficit. Só um meio há de arcarmos com as despesas de maior tiragem. É estender-se a lista dos contribuintes e dobrar cada qual sua contribuição. Nosso periódico não é comercial, não aceita anúncios; não é político, nem publica, a tanto por linha, notícias ou reclamos; em suma não temos matéria paga.

Logo, apelamos para os entusiastas de Ação Direta. Procurem novos contribuintes. Dobrem ou tripliquem suas contribuições.

Atrás das palmas, a ação direta, ainda com sacrifícios.

A campanha iniciada pelo Centro de Estudos Sociais em favor dos combatentes de Espanha tem esmorecido com a forçada contribuição mensal para Ação Direta; mas, se a muitos é difícil acorrer com o mesmo afã da primeira remessa de 250 dólares, para muitos haverá ainda possibilidades.

Vamos! os companheiros de Espanha exigem nosso auxílio.

Enviemos a segunda remessa de 250 dólares. Prometemos! Devemos cumprí-los.

JUVENTUDE ANARQUISTA BRASILEIRA

Os jovens fundadores desse corpo militante iniciou sábado passado suas atividades, realizando a primeira reunião para discutir seu plano de ação.

Aos amigos da justiça

Jovem estudante secundário! Jovens acadêmicos! Jovens trabalhadores!

Como vós outros eu também sou jovem, e trago no espírito um formulário de perguntas. Nesta idade, quase não pensamos em fazer mal algum, pelo contrário, sonhamos noite e dia em ajudar os que sofrem a "miséria do corpo" e a "miséria da inteligência". É esse sentimento a expressão natural do senso de justiça que nasce e se desenvolve no ser humano, mas que nunca advém das pregações religiosas ou dos programas cívicos do Estado. Estes são artifícios do homem e, por isso mesmo, plausíveis de todas as falhas. Mas o senso de justiça é uma lei natural e, por isso, irrevogável e verdadeira por si mesma. Hoje, porém, o mófo desta sociedade cheia de engenhosos artifícios, aos poucos, procura revestir a realidade dessa lei, atrofando e obscurecendo-nos a inteligência com contínuos sofismas, com dialéticas e demagogias nefastas.

Diariamente, ouvimos o nosso senso de jovens calouros, clamando no nosso interior contra o peso das injustiças que caem sobre os ombros de milhares de homens e mulheres. E dizemos, traduzindo o nosso sentimento em vontade. — Isso é infame.

Com o lema ação direta sabem que a milícia anárquica se faz de iniciativas pessoais, sem restrições disciplinares, nem obediência a chefes.

Sua atividade mais urgente é distribuir, propagar, fortalecer Ação Direta único portavoz anarquista hoje em dia no Brasil.

Com essa propaganda, mormente nas academias e colégios de ambos os sexos irão aumentando os seus quadros e promovendo a educação de todos para a verdadeira ação anárquica.

Ação Direta confia nos excelentes valores que já ilustram a Juventude Anarquista Brasileira e está certíssima de que, em poucos meses, veremos no Brasil um corpo juvenil anárquico já digno de ombrear com qualquer dos de Europa.

Sabemos que a J. A. B. já iniciou correspondência com as juventudes libertárias de França.

Avante!

em prol da liberdade, da justiça e do amor.

João Luiz Ney